

## Investimento Social em Áreas Culturalmente e Ecologicamente Frágeis.

A configuração da Venezuela moderna tem sua origem na vontade política daqueles que souberam aproveitar as imensas riquezas geradas pela indústria petrolífera, cujo dono absoluto é o Estado venezuelano. Assim, de 1924 a 1989, a população venezuelana, em contraste com muitos países da América Latina, viveu uma importante melhoria de sua qualidade de vida, oferecendo poucos elementos em troca desses benefícios, como poderiam ter sido o pagamento de impostos ou a participação ativa na construção do país.

### FLASA

De 1999 a 2002, a Fundação Interamericana fez uma doação de US\$279.007 à FLASA. O financiamento adicional proveniente da FLASA e da BP-Amoco elevou-se a US\$1.587.641.

\* O propósito das atividades da FLASA vai além dos projetos financiados pela IAF.

No entanto, apesar da bonança petrolífera, nem toda a população venezuelana se beneficiou das iniciativas estatais. De fato, um contingente de população viu-se desfavorecido da atenção do Estado, a saber, as populações indígenas. Quer pelas grandes distâncias que separam esses grupos das zonas urbanas, quer pelos escassos orçamentos alocados aos órgãos públicos nacionais encarregados desta população, o fato é que alguns destes grupos se viram excluídos do bem-estar que, em matéria de saúde e educação, o Estado ofereceu aos outros venezuelanos. Encontramos exceções a esta situação em certas intervenções pontuais de conteúdo populista e homogeneizador, ou seja, de concessão de dádivas que não respeitavam a sua fragilidade e identidade cultural nem tampouco a vulnerabilidade ecológica de seu ambiente. Esta abordagem social por parte do Estado transformou-as nas populações mais vulneráveis do país.

Num contexto como este, em que as necessidades básicas dos indígenas não têm sido e não são atendidas, é importante a união de interesses tanto do Estado como do setor privado, das organizações civis e dos organismos internacionais, os quais, embora dissemelhantes, têm procurado promover mudanças na qualidade de vida dos grupos indígenas. Um importante exemplo são as ações desenvolvidas entre a Fundação Interamericana (IAF), a empresa petrolífera Amoco (atualmente fundida mundialmente com a empresa British Petroleum, BP) e a Fundação La Salle de Ciências Naturais (FLASA), as quais, em 1998, iniciaram um programa para a melhoria da qualidade de vida de três comunidades Warao (Makareo, Kokuina e Mariusa) que habitam na desembocadura do Rio Orinoco no Estado de Delta Amacuro.

### **A Problemática e o Projeto.**

O programa denominado “Educação, saúde e geração de renda própria: ações para incentivar a melhoria da qualidade de vida dos moradores das comunidades Warao do Delta do Orinoco”, foi iniciada em meados de 1998. Teve como objetivo geral melhorar a qualidade de vida dos moradores de Kokuina, Makareo e Mariusa no Delta do Orinoco, na Venezuela. Esses objetivos seriam alcançados mediante a criação e o desenvolvimento de serviços de saúde e educação, bem como promoção, organização e constituição de unidades de produção pesqueira que incentivassem a geração própria de

recursos e tivessem um impacto positivo na comunidade e na vida familiar. O desenvolvimento de um programa desta natureza era fundamental para as comunidades, dada a situação de pobreza em que se encontravam e a fragilidade de seu ambiente geográfico. Essa vulnerabilidade acentuou-se devido aos efeitos resultantes da construção, por parte do Estado na década de 1960, de uma infra-estrutura urbana para a extração de petróleo. Assim, muitos dos canais da imensa rede de nascentes que formam a desembocadura em forma de delta do Rio Orinoco foram fechados, o que afetou seu frágil equilíbrio. Com o fechamento de alguns dos braços deste rio, provocou-se a salinização das nascentes e das terras; como consequência sobreveio uma forte fome e um importante processo migratório dos indígenas para as grandes cidades, com os graves problemas sociais e culturais a isso associados.

Nestas condições de entrada estruturou-se um modelo integral de abordagem para a etnia Warao, a qual incluía os cuidados da saúde, a implementação de um sistema de educação formal e a otimização da produção pesqueira. Os pontos fortes deste programa provêm do profundo respeito à identidade da etnia, uma vez que os processos iniciados não foram forçados, mas executados a partir do ritmo, lógica e motivação da população. Embora esta estratégia tenha implicado demoras na realização das metas, demonstrou que o trabalho da FLASA tinha como objetivo que a população adotasse os processos e foi ela que, paulatinamente, assumiu a co-responsabilidade na melhoria de sua qualidade de vida.

Os resultados têm sido positivos no tocante aos diversos componentes do programa. Na área de saúde foram construídos e entraram em funcionamento três centros integrais de saúde e um serviço de assistência médica fluvial foi adotado. Conseguiu-se que as autoridades regionais pagassem os salários dos médicos (porém não os dos enfermeiros) e proporcionassem remédios. Foram habilitados 770 residentes em saúde, mediante palestras bilíngües e capacitadas seis pessoas em medicina simplificada. Na área de educação foram construídas duas escolas. Foram também treinados seis professores Warao para dar aulas e cursos de alfabetização bilíngüe para adultos. Finalmente, foram elaborados diversos materiais educacionais em língua Warao e conseguiu-se que a Zona Educacional pagasse os salários dos professores. A área de microempresários estabeleceu um fundo rotativo que concedeu 72 empréstimos para a compra de redes e motores (a taxa de recuperação é de 65%, o que, nas condições adversas, é bastante efetivo) e atualmente estão sendo estudados os canais de comercialização dos produtos pesqueiros gerados pelos Warao.

Estas realizações quantitativas tiveram como efeito a criação de oportunidades para que a população Warao melhorasse a sua qualidade de vida e a sua renda. Por outro lado, procurou-se e ainda se procura resgatar os valores próprios da identidade Warao, graças à implementação do sistema intercultural bilíngüe nas escolas. Ambos os elementos demonstram as realizações conseguidas pela FLASA e que ainda se esforça por conseguir na zona. No entanto, agora que os recursos concedidos mediante esta aliança estão a ponto de esgotar-se, surge um importante problema de sustentabilidade.

O problema que enfrentam as comunidades beneficiárias tanto deste projeto como de outros projetos isolados geográfica e culturalmente é o fato de o projeto não ter previsto

uma estratégia de saída que assegurasse o cumprimento do longo prazo requerido para um processo de habilitação da população beneficiária. Isso provavelmente será muito mais lento e complicado do que o processo de qualquer outra população, não somente pelos efeitos das recorrentes intervenções populistas por parte do Estado, mas porque o ritmo e as ações das populações indígenas podem ser um pouco lentos e/ou diversos.

São estas as razões pelas quais uma análise do programa é dupla, uma vez que, por um lado, é positiva no tocante à realização de metas concretas, mas poderá ser frágil do ponto de vista da continuidade das ações a longo prazo, as quais são muito necessárias para que a população culmine o seu processo de capacitação e seja responsável pelo programa. Entender essa fragilidade requer, entre outros elementos, um conhecimento das parcerias estabelecidas e das motivações que cada ator levou à participação no programa.

### **As Parcerias.**

As parcerias estabelecidas para executar o programa nas comunidades de Mariusa, Makareo e Kokuina foram possíveis em virtude do interesse dos três atores que participaram, os quais não confluíam necessariamente de forma direta no projeto: BP-Amoco, IAF e FLASA.

**BP-Amoco.** A empresa petroleira Amoco tinha iniciado ações de exploração de risco e de produção no Estado de Delta Amacuro, especificamente nos Municípios de Pedernais e Guarapiche e, posteriormente, graças à fusão com a BP, começou a atuar em Punta Pescador (setor em que se encontram localizadas as comunidades objeto do programa). Vinculou-se ao programa seguindo os seus esquemas de investimento social global. Esta óptica de Responsabilidade Social implicava para BP-Amoco o compromisso de todas as partes envolvidas em benefício das comunidades e o investimento de tempo e dinheiro para criar progresso humano sustentável, o que se devia traduzir em um impacto quantificável.

Entretanto, embora tenha havido interesse fundamental no sentido de reduzir os possíveis impactos ambientais e promover benefícios nas comunidades, também é certo que foi muito importante o incentivo da imagem institucional. Na opinião de Rosi Álvarez (atual Gerente de Assuntos Corporativos da BP) e Maria Eugenia Fuenmayor (ex-Gerente de Assuntos Corporativos da Amoco), esta estratégia foi de importância fundamental para uma empresa que desenvolvia e ainda desenvolve um nicho de negócios com certos riscos de impacto negativo para o meio ambiente em uma zona particularmente frágil como o é a desembocadura do Rio Orinoco. Essa motivação não desmerece as contribuições da corporação ao programa, as quais se elevaram a mais de US\$1 milhão, representando 68,98% do investimento total, mais US\$100.000 adicionais [co-financiados pelo programa DELMOS da Petróleos da Venezuela (PDVSA)] destinados a fortalecer o componente de geração de recursos e a sistematização da experiência.

**IAF.** Para a IAF, a meta de ampliar a visão do investimento social empresarial influenciou a sua participação no projeto em conjunto com a BP-Amoco. Levando em consideração o êxito do trabalho da IAF com a PDVSA, a Fundação iniciou este projeto,

o qual implicou um trabalho de desafio em termos de dar acompanhamento a um programa tão isolado geograficamente. Como metodologia fundamental da IAF, cada doação tem um acompanhamento significativo por parte da IAF. No caso do projeto no Delta, tanto as distâncias físicas como as comunicações tornaram mais difíceis uma relação muito próxima entre doador e donatário. O desenvolvimento de um programa social em uma zona tão isolada e com uma população com uma cosmovisão tão particular teria requerido uma maior presença da IAF e da BP-Amoco, além do monitoramento e acompanhamento efetuados por ambas as instituições.

**FLASA.** Para essa visão de longo prazo não bastaria limitar-se aos recursos econômicos requeridos pelo projeto em determinado período, mas necessitaria também a vinculação permanente de executores com muita experiência na zona. Neste sentido, a FLASA, do ponto de vista institucional, possuía e possui um conhecimento profundo sobre a região e os seus habitantes, uma vez que desde 1939 se tem dedicado a recorrer e inventariar a flora e a fauna da geografia nacional e iniciar uma aproximação às populações indígenas. Tem dispensado interesse especial ao conhecimento das características geográficas e etnográficas da região do Delta do Orinoco, sendo suas contribuições as mais importantes no país, o que se reflete na multiplicidade de estudos ambientais e antropológicos e nas ações sociais destinadas a conservar o patrimônio natural e cultural da região. O fato de a FLASA trabalhar no projeto Warao representou uma oportunidade de aprendizado. Pela primeira vez, implementou um programa de microcrédito na zona, o qual implica que o trabalho iria um pouco mais lento e com mais ajustes de tempo de acordo com as realizações e os desafios enfrentados no momento.

Em resumo, segundo as motivações de cada participante na parceria, pode-se observar claramente que os interesses particulares de cada parceiro confluíram no financiamento do programa, mas não necessariamente em sua visão de longo prazo para a zona. Assim, a BP-Amoco procurava a melhoria das condições de vida das comunidades Warao que habitam as zonas próximas do seu centro de operações e também otimizar a sua imagem institucional. Para a IAF era importante o estabelecimento de novas parcerias com organizações privadas e atender às populações desfavorecidas sendo fiel ao seu lema de “chegar até onde ninguém mais chega.” Finalmente, a FLASA, ONG venezuelana de longa trajetória que tem a seu cargo a execução do programa, tinha como interesse promover o desenvolvimento do Delta, região da qual têm um profundo conhecimento, graças às pesquisas que vem realizando há mais de 60 anos. Estas motivações confluíram na parceria que originou o financiamento do programa, o qual foi efetivo quanto ao cumprimento de suas metas, mas não otimizou as parcerias estabelecidas.

Considerar estes fatores é fundamental para pensar nas estratégias futuras que imprimam ao programa Warao-Punta Pescador novas perspectivas de sustentabilidade, na medida em que forem conseguidos outros investimentos na zona e um fortalecimento institucional da equipe da FLASA. Desta forma talvez se pudesse apoiar uma maior capacitação das comunidades indígenas e maior atribuição de poder às mesmas, levando em conta as óbvias dificuldades geradas pela natureza da população beneficiária. Doravante o desafio supõe a ampliação da visão a respeito da sustentabilidade de um programa que depende de muitas variáveis que vão além do

elemento econômico. O ponto central pareceria ser o fato de ter em mente o projeto e, em função deste, buscar parceiros e procurar o que, para Ángel Armas, Coordenador do Programa Warao-Punta Pescador, é a principal necessidade de reforço institucional: a gestão das ferramentas básicas para um melhor desempenho, de modo que, no futuro, as comunidades se encarreguem do programa.

### **Lições Aprendidas:**

- Considerar as parcerias como relações de colaboração em que cada parceiro obtenha benefícios particulares, seja em imagem ou em projeção social não é atualmente, para Audra Jones e Rossi Álvarez, a lógica das parcerias que pudessem estabelecer a BP-Amoco e a IAF. Aprendeu-se a importância de vincular-se em função de um eixo específico, de modo que os recursos econômicos não sejam os únicos elementos a confluir no projeto, senão os conhecimentos e a perícia com que cada um possa contribuir;
- Para os parceiros envolvidos, as parcerias deixam uma variedade de aprendizagens fundamentais para futuros acordos de cooperação. Para Rossi Álvarez, da BP-Amoco, destaca-se a incorporação em suas políticas de investimento social de atividades e estratégias de sustentabilidade para os projetos que planejem financiar, o que implica não só a permanência na zona e a promoção da participação de múltiplos atores, especialmente do Estado, mas também envidar esforços no sentido de manter pessoal qualificado e adequado às necessidades do projeto. Isso é fundamental não somente para o seu investimento social na Venezuela, mas também em outros países, como a Bolívia e o Equador, onde as suas atividades empresariais estão vinculadas às populações indígenas.

***Marlene das Faias.** Licenciada em Educação com concentração em Ciências Sociais, UCAB, 1997. Mestrado em Estudos Sociais e Políticos Latino-Americanos, com concentração no Desenvolvimento Social, ILADES, Chile, 1999-2000. Monitora para as donatárias da IAF na Venezuela, 2001-2002. Coordenadora de Programas para a Associação Civil PROactiva, Serviço de Ligação e Apoio Local da IAF na Venezuela.*